



Georges Bataille (1897-1962), nasceu em Billom, França.

Pensador e escritor francês, exerceu seu ofício em vastos campos da literatura e do conhecimento filosófico. É autor de poemas, novelas e romances, além de uma série de ensaios que tratam desde filosofia, economia e antropologia, até religião. A sua formação e seu trabalho refletem essa ansiedade em abranger o mundo sob várias formas. Ex-seminarista, arquivista-paleógrafo no Gabinete de Medalhas da Biblioteca Nacional, foi colaborador de várias revistas.

Filho de “pai descrente, mãe indiferente” (como escreveu), converteu-se aos 15 anos ao catolicismo, pensando até em se ordenar padre, o que não chegou a concretizar. Logo descobriu a psicanálise, a antropologia de **Marcel Mauss**, o marxismo e estabeleceria vínculos com o grupo surrealista, no início dos anos 20. Em 1929-1930, polemizou com o pai do surrealismo francês, **André Breton**, atacando-o violentamente pela imprensa. Chegou a chamá-lo de “leão castrado”. Anos mais tarde, reatariam. Seu primeiro livro, “[História do Olho](#)”, uma novela fortemente erótica, na linhagem de Sade, foi publicada em 1928 sob o pseudônimo de Lord Auch. Sob o pseudônimo de **Pierre Angélique**, publicou “**Madame Edwarda**” em 1937.

Ávido leitor de filosofia, dedicou um ensaio a Nietzsche (“**Sur Nietzsche**”), filósofo cuja obra foi central em sua formação. Assistiu em 1934 aos célebres cursos de **Alexandre Kojève** sobre Hegel. <<A *fenomenologia do Espírito*>> o influenciara de maneira decisiva. Interessou-se também pelas religiões orientais, as experiências místicas e as práticas extáticas e sacrificiais. A vastidão da obra de Bataille gira em torno de um eixo comum: a relação entre erotismo e morte e o modo de transgredir as interdições impostas milenarmente àqueles dois elementos desordenadores.

Bataille dá ao erotismo e a violência uma dimensão religiosa, fazendo deles meios para se atingir uma experiência mística “sem deus”. Para o autor de “A literatura e o mal”, toda “literatura autêntica é prometéica”, referindo-se à figura da mitologia grega que se sacrificou (i.e transgrediu) para roubar aos deuses a chama do conhecimento. No limite, Bataille queira criar uma religião própria: “Estou decidido, se não a fundar uma religião, ao menos a me conduzir nesse sentido”. Ele recusava, dessa forma, qualquer preceito moral, religioso ou místico. Pois “**um homem que ignora o erotismo é tão estranho quanto um homem sem experiência interior**”.

Bataille trabalhou como bibliotecário na **Biblioteca Nacional de Paris**, durante décadas, e teve intensa atividade como editor, fundando várias revistas literárias, como “*Documents*” e a “*Acéphale*”. A mais importante e influente delas foi a “*Critique*”, que criou em 1946 e dirigiu até sua morte. Suas idéias, formuladas numa época de grande efervescência intelectual na França, contemporâneas as de **Merleau-Ponty**, **Sarte** e **Camus**, não chegaram a ter influência direta. Permanecem, no entanto, fonte inesgotável de reflexão e provocação.

Com base em extrato de Gilson Schwartz Folha de São Paulo,
adaptado por H.M. de Oliveira

http://supervert.com/elibrary/georges_bataille

- Histoire de l'œil
- Ma Mère
- Madame Edwarda
- Le mort
- Paradoxe sur l'Érotisme
- Teoria da religião
- L'Abbé C
- Le bleu du ciel
- Les larmes d'Éros
- L'Érotisme
- Sur Nietzsche

Preâmbulo:

Penser ce qui excède la possibilité de penser, gagner le point où le cœur manque, les moments où l'horreur et la joie coïncident dans leur plénitude, où l'être nous est donné dans un dépassement intolérable de l'être qui le rend semblable à Dieu, semblable à rien. Tel est le sens de ce livre insensé. Les récits rassemblés ici, sont l'expression la plus concise de la terrible exigence d'un homme qui avait voué sa vie et son écriture à l'expérience des limites. À travers le blasphème et l'indécence, c'est bien la voix la plus pure que nous entendons et le cri que profère cette bouche tordue est un alléluia perdu dans le silence sans fin.